

A RELAÇÃO ENTRE AS ATIVIDADES PROPOSTAS EM ANTOLOGIAS E O ENGAJAMENTO CRÍTICO DOS ALUNOS NA AULA DE LINGUAGEM

Dirlei Luciano Benati¹
Ana Cecilia Teixeira Gonçalves²

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo principal analisar as atividades de leitura que integram uma antologia do século XX, focando, em especial, no papel desempenhado pelo material didático para a construção de espaços de interação e diálogo e para a formação crítica e reflexiva dos alunos.

A inexistência de ambientes para diálogos na aula de LP ocasionam um silenciamento e, conseqüentemente, a formação do estudante torna-se passiva. Durante o processo de ensino e aprendizagem, tem-se um mero receptor de conteúdos, o qual apenas internaliza o que lhe é apresentado.

Assim, este trabalho justifica-se pelo fato de que a aula de LP representa um espaço para fazer com que o aluno se torne um cidadão ativo e crítico na sociedade em que está inserido. Nesse sentido, investigar aspectos teórico-metodológicos que fundamentam a aula de linguagem, especialmente as atividades de leitura, significa uma forma de refletir sobre a aula de LP, salientando sua função como espaço interativo e dialógico, que busca desconstruir práticas antidemocráticas.

1 METODOLOGIA

Com relação à metodologia, tem-se como objetivo da pesquisa investigar a aula de LP, examinando o papel das antologias na formação crítica e reflexiva dos estudantes. Para isso, busca-se analisar concepções de linguagem e seleção de objetos de ensino presentes em antologias, avaliando sua contribuição para a construção da criticidade e da cidadania dos alunos. Nesse ínterim, tem-se como *corpus* de análise uma antologia intitulada *Português: Antologia e Gramática*, do

¹ Acadêmico(a) do Curso de Letras - 9º semestre/2025. Universidade Federal da Fronteira Sul. dirleibenatti@gmail.com

² Doutora pela Universidade Federal de Santa Maria. Orientador(a). Prof.^(a) do Curso de Letras da Universidade Federal da Fronteira Sul. acgteixeira@uffs.edu.br

século XX, escrita por José Baptista da Luz, publicada em 1963. Foca-se, em especial, na Unidade ³¹ do material didático.

À vista disso, para essa investigação, baseia-se no modelo de análise e descrição de textos proposto por Bronckart (1999) e reformulado por Machado e Bronckart (2009). Assim, são levados em conta as ações de linguagem e sua interdependência com o contexto social e com a intertextualidade; também, sua organização material. Dessa maneira, são considerados, durante o procedimento de análise, não só a identificação contextual da produção textual, mas também aspectos organizacionais, como o plano global do livro e o conteúdo temático que se fazem presentes na antologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Quais seriam as modificações sugeridas pelos pesquisadores no que tange à aula de LP? Dentre elas, destaca-se a concepção de linguagem, distanciando-se de uma perspectiva como forma de expressão do pensamento ou comunicação, a qual esteve presente nas antologias. Diferentemente, agora, leva-se em consideração que “ toda ação de linguagem é um atividade de interação, entre dois ou mais sujeitos, que agem em mútua cooperação e partilham um conjunto de conhecimentos, de intenções e interesses”, explica Antunes (2017, p.142). Nesse sentido, no material analisado, em específico, não há esses momentos, uma vez que as atividades de leitura, produção textual e análise linguística resumiam-se, somente, em aspectos gramaticais e ler os textos de autores consagrados da época.

Nessa perspectiva, Lajolo (1993) menciona que, no ensino de língua,

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se contra ela, propondo outra não prevista (Lajolo, 1993, p.91).

Contudo, quando analisa-se a prática de leitura presente na antologia, tem-se uma preocupação excessiva com a dicção e oratória perfeita, caso contrário, o estudante é visto como um “sacrificador do texto” distanciando-se do que Villardi

³ A escolha pela Unidade I foi motivada pela ordem organizacional do material.

(1999, p. 3) aponta sobre a prática leitora, ou seja, que vai muito além dos aspectos orais:

As leituras se fazem pelos sentidos em que e com que se dão. Lê-se pela visão, pela audição, pelo equilíbrio, pela contemplação intuitiva, pela meditação racional, pela força criadora da fantasia, da inventiva e da imaginação. Nas metáforas, por substituição do significado, é feita a melhor leitura do termo original. No mundo, lê-se por conta própria ou pelas leituras dos outros; leem-se as entrelinhas por trás das letras dos textos, e, na falta de espaço que justifica o etc., lê-se a continuidade da mensagem interrompida no texto. Ler é tomar conhecimento das leis, regras e normas, das necessidades e revelações do mundo, interpretá-las e utilizá-las. Infringí-las ou acatá-las é submeter-se às suas sanções – penas ou recompensas.

Desse modo, o estudante precisa construir relações individuais e sociais com o texto lido, bem como encontrar os significados para o seu entendimento durante a leitura, assim, afastando-se da decifração das palavras e a perfeição “oral e limpa” no momento de ler.

Diante disso, há necessidade de reformular as práticas pedagógicas no ensino de língua materna, pois “se ficarmos apenas na descrição das formas no eixo das repetibilidades, assumimos apenas os ‘significados’. Se em conjunto com as formas, buscarmos refletir sobre como tais formas se mobilizam nas interações sociais, assumimos os “sentidos” (Pereira; Costa-Hübes, 2024, p.27). Dessa maneira, Possenti (2000,p.95) sugere que é fundamental:

Fazer com que o ensino do português deixe de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma tarefa em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sanções (Possenti, 2000, p. 95).

Assim, uma aula de linguagem deve priorizar práticas que estimulem a interação crítica e ativa do estudante com o mundo, sejam manifestações escritas quanto faladas. Diante do exposto sobre a abordagem de linguagem e concepção de leitura presente na antologia analisada, a seção seguinte apresentará a discussão dos resultados encontrados no que se refere à falta de interpretação e formação crítica no material.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise da antologia, percebe-se que a concepção de linguagem presente no material é a de forma de expressão. Logo no início da unidade de número

1, encontra-se um texto para leitura, o qual explica sobre como se deve ler. Abaixo, dois trechos que evidenciam a seguinte afirmação:

A leitura deve ser **expressiva, inteligente**, de forma que dê aos ouvidos uma compreensão **perfeita do trecho**. Para isso várias condições se exigem de quem lê **em voz alta** (Luz, 1963, p.11).

O verso lido mecanicamente, sem as ligações necessárias, sem a continuidade que às vezes se exige de um para outro, não somente se torna incompreensível, como **perde toda a energia da expressão**, todo o efeito estético que o seu autor lhe souber dar“ (Luz, 1963, p. 11).

Dessa maneira, o que importa é apenas ler corretamente e com fluidez, sem levar em conta a compreensão, a interpretação ou as características do que está sendo lido ou de quem está lendo. Assim, busca-se uma leitura homogênea/limpa, ignorando as singularidades de cada aluno. É possível observar que a concepção de leitura é a de decodificação. Sobre esse ponto, Rojo (2004, p. 3) menciona:

Podemos dizer que, no início da segunda metade do século passado, ler era visto – de maneira simplista – apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado da linguagem do texto [...] Uma vez alfabetizado, uma vez construídas estas associações, o indivíduo poderia chegar da letra, à sílaba e à palavra, e delas, à frase, ao período, ao parágrafo e ao texto, acessando assim, linear e sucessivamente, seus significados. É o que se denominou fluência de leitura.

Seguindo esse viés, as atividades de pós-leitura inexistem; trata-se, na realidade, de priorizar o ensino de gramática. Nesse sentido, nota-se uma ênfase em aspectos gramaticais, isto é, a preocupação do século seria dominar a norma e saber aplicá-la, conseqüentemente, não ocorrendo atividades de interpretação textual. Desse modo, não há espaços para a construção de habilidades críticas e engajamento de leitores, tornando um cidadão passivo, sem espaço para opinar em um lugar onde deve-se priorizar o diálogo.

CONCLUSÃO

Portanto, nota-se que a antologia parece não estimular o senso crítico do aluno, visto que suas principais atividades, divididas entre leitura e gramática, resumem-se em instruir um estudante para aplicar as regras gramaticais de forma mecânica ou ler um texto com perfeição, uma vez que a leitura é vista como decodificação. Na mesma perspectiva, o texto é utilizado como pretexto para ensinar aspectos da gramática.

Assim, a antologia parece ter formado sujeitos passivos e, possivelmente, desprovidos de senso crítico, expostos a atividades que não estimularam sua formação crítica e cidadã.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

COSTA-HÜBES, T. da C; PEREIRA, R. A. A prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança. In: PEREIRA, R; A. RODRIGUES, R; H. COSTA-HUBES, T; da C. (orgs). Prática de análise linguística/semiótica (pal/s) nas aulas de língua portuguesa: entre a tradição e a mudança. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 434.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LUZ, J. B. da. **Português**: Antologia e Gramática. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J. (Re-)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do Grupo Alter-Lael. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs). Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 31-77.

POSSENTI, Sírio. **Por que (Não) Ensinar Gramática na Escola**. 6. reimpr. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.